

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE DONTOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Bianca Alves Eleotero Coelho

Calar-se seria uma alternativa sufocante:
a banalização do assédio sexual nas universidades

Florianópolis

2022

Bianca Alves Eleotero Coelho

Calar-se seria uma alternativa sufocante:
a banalização do assédio sexual nas universidades

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de odontologia, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de cirurgião-dentista.

Orientadora: Profa. Mirelle Finkler, Dra.

Florianópolis,
Novembro, 2022.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Coelho, Bianca Alves Eleotero
CALAR-SE SERIA UMA ALTERNATIVA SUFOCANTE: A
BANALIZAÇÃO DO ASSÉDIO SEXUAL NAS UNIVERSIDADES / Bianca
Alves Eleotero Coelho ; orientador, Mirelle Finkler, 2022.
p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Saúde, Graduação em Odontologia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Odontologia. 2. Assédio Sexual. 3. Universidade.
I. Finkler, Mirelle . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Odontologia. III. Título.

Bianca Alves Eleotero Coelho

Calar-se seria uma alternativa sufocante:
a banalização do assédio sexual nas universidades

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de cirurgião-dentista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Odontologia.

Florianópolis, 25 de novembro de 2022.

Prof^a. Dr^a. Gláucia Santos Zimmermann
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof^a Mirelle Finkler, Dr^a.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Sheila Rubia Lindner, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof Rodrigo Otávio Moretti Pires, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me direcionado desde o início da faculdade e me dar um propósito, sei que coisas maiores ainda estão por vir, essa é só a ponta do iceberg.

Sem querer parecer prepotente, agradeço a mim mesma, pois eu não desisti de mim! As noites em claro, os “porres de café”, o muito dinheiro investido em terapia e em medicamentos e ao meu esforço inigualável.

Aos meus pais, Cristiana e Lio, pelo apoio incondicional. Agradeço por todo cuidado que sempre tiveram comigo, seus investimentos não foram em vão! Ao meu mano Luciano, por sempre me incentivar: “estuda que tens que arrancar meus sisos!”

Ao meu marido, por ter aguentado minhas crises de ansiedade, meus surtos e vontades de sair correndo e desistir de tudo. Nós conseguimos!

Agradeço a professora Mirelle, sem sombra de dúvidas a melhor orientadora que eu poderia escolher. Apoiou-me muito antes de me conhecer e me ajudou a ressignificar uma “bomba” em fonte de esperança e amor próprio.

Ao coletivo Odonto Feminista e aos demais colegas e professores que se sensibilizaram com o que sofri durante a graduação e que foram tão solidários, minha gratidão. Vocês me fortaleceram!

Não é fácil, nem simples escrever esse texto. Tampouco o é vivenciar ou presenciar o assédio. Calar-se seria uma alternativa sufocante. Talvez falar sobre o assédio não seja a solução para o sofrimento das assediadas, nem cesse completamente o próprio assédio. Talvez alguns homens se sensibilizem com essas palavras e passem a vigiar e a conter mais suas falas e gestos quando tomados por algum desejo sexual diante de uma aluna. Talvez passem a sentir o mesmo desconforto de que falamos ao presenciar uma situação de assédio por parte de um colega. Talvez as alunas passem a ter mais coragem de responder à altura diante do assédio ou encontrem algum refúgio e acolhimento de seu sofrimento em outras alunas e professoras, e até mesmo entre professores sensibilizados com relação a esse tipo de injustiça. O que não podemos é assumir que o assédio seja um problema incontornável. (AGGIO; RAMOS, 2021)

RESUMO

O assédio sexual é uma realidade na vida de muitas mulheres. E também é uma realidade dentro de um dos espaços sociais mais prestigiados: a universidade. Medo, angústia e desconforto são sentimentos que perseguem não só as vítimas, mas também as testemunhas, os observadores. “O que fazer?” “Como reagir?” “Vão me julgar?” São perguntas frequentes e que, muitas vezes, persistem na mente dos envolvidos. Esta pesquisa bibliográfica foi realizada com o intuito de compreender a produção científica sobre o assédio sexual na Universidade, a fim de conhecer sua realidade nas universidades nacionais e internacionais, e identificar propostas e experiências de sucesso em lidar com o tema no contexto da Educação Superior. Realizou-se uma revisão sistematizada da produção bibliográfica da última década, nas seguintes bases de dados: CINAHL, APA Psyc Net, Scopus, Web of Science, MEDLINE, Scielo, NDLTD. Foram encontrados 189 artigos. Retirando-se as duplicatas e aplicados os critérios de exclusão, restaram 110 artigos. Os dados foram então extraídos para uma planilha de Excel, tabulados e analisados. Constatou-se que produção científica sobre assédio sexual nas universidades tem aumentado nos últimos anos, concentrando-se em pesquisas realizadas nos Estados Unidos. A produção nacional existe, mas ainda é pouca. Concluiu-se que a prevalência de assédio sexual nas universidades é alta e a vítima deste tipo de violência geralmente é mulher. É preciso criar espaços em que se possa debater sobre o assunto, sem julgamentos e medos e para isso se faz necessário que as universidades incluam em seus currículos a temática das violências. Os campi devem ser um local em que os estudantes se sintam bem, tendo a certeza de que se algo inoportuno acontecer serão acolhidos e ouvidos e que os autores da violência sexual serão responsabilizados e punidos. Para que isso ocorra devem haver políticas, protocolos e orientações sobre assédio sexual nas universidades.

Palavras-chave: assédio sexual; violência sexual; feminismo; gênero; universidades; educação superior.

ABSTRACT

Sexual harassment is a reality in the lives of many women. And it is also a reality within one of the most prestigious social spaces: the university. Fear, anguish and discomfort are feelings that haunt not only the victims, but also the witnesses, the observers. "What to do?" "How to react?" "Are they going to judge me?" These are frequent questions that often persist in the minds of those involved. This bibliographical research was carried out with the aim of understanding the scientific production on sexual harassment at the university, in order to know its reality in national and international universities, and to identify successful proposals and experiences in dealing with the subject in the context of Higher Education. A systematic review of the bibliographic production of the last decade was carried out, in the following databases: CINAHL, APA Psyc Net, Scopus, Web of Science, MEDLINE, Scielo, NDLTD. 189 articles were found. Removing the duplicates and applying the exclusion criteria, 110 articles remained. The data were then extracted into an Excel spreadsheet, tabulated and analyzed. It was found that scientific production on sexual harassment at universities has increased in recent years, focusing on research carried out in the United States. National production exists, but it is still low. It was concluded that the prevalence of sexual harassment in universities is high and the victims of violence tend to be women. It is necessary to create spaces where people can talk and debate about the subject, without judgments, without fear, and for this it is necessary that universities include the theme of violence in their professional training curricula. Campuses should be a place where students feel good, knowing that if something inappropriate happens, they will be welcomed and heard and that perpetrators of sexual violence will be held accountable and punished. For this to occur there must be policies, protocols and guidelines on sexual harassment violence in universities.

Keywords: sexual harassment; sexual violence; feminism; gender; universities; college education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos	23
Figura 2. Distribuição temporal das publicações	24
Figura 3. Distribuição temporal por tipo de publicação	24
Figura 4. Distribuição das pesquisas dos artigos, por país de origem.....	25
Figura 5. Países de publicações dos periódico.....	26
Figura 6. Áreas do conhecimento das pesquisas e suas quantidades.....	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Base de dados e chave de busca.....	21
---	----

SUMÁRIO

1	MOTIVAÇÃO	13
2	INTRODUÇÃO	14
2.1	Breve contexto histórico do assédio	14
2.2	O assédio sexual nas universidades.....	17
2.3	Resistências e estratégias contra o assédio sexual universitário.....	18
3	OBJETIVO	20
3.1	Objetivo geral	20
3.2	Objetivos específicos	20
4	MÉTODO	21
5	RESULTADOS	24
5.1	Análise bibliométrica	24
5.2	O assédio nas universidades: uma síntese do que relata a literatura.....	28
5.3	Propostas e experiências de enfrentamento.....	30
6	DISCUSSÃO	34
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE A – NOME DOS PERIÓDICOS E QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES	46
	APÊNDICE B – NOMES, AUTOR, ANO, PAÍS DE ORIGEM, TIPO E NOME DO PERIÓDICO COLETADOS DOS ARTIGOS	48
	ANEXO A – ATA DE DEFESA	66

1 MOTIVAÇÃO

A motivação para estudar o tema do assédio sexual no ambiente universitário e torná-lo objeto de pesquisa em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nasceu de uma experiência pessoal deste tipo. Graças a outras pessoas, em especial mulheres que me apoiaram e me deram forças em um momento tão crucial, entendi que poderia tentar ressignificar essa vivência traumática. Ao estudá-lo em profundidade para este TCC, tento transformar a “bomba” que caiu em minha vida, em cuidado - comigo mesma e com todas as demais. Busco mostrar que estamos de mãos dadas, procurando manter lucidez apesar das injustiças, para as transformações necessárias. Afinal, assédios acontecem cotidianamente e têm consequências. Se não forem visibilizados e discutidos, vão retroalimentar nossa sociedade patriarcal, mantendo a violência contra as mulheres.

Às vezes, uma fagulha é necessária para se acender toda uma caixa de fósforos. Assim são as denúncias. Quando uma mulher decide expor o que lhe aconteceu e buscar justiça, não só por si, mas por todas que lhe antecederam, muitas outras se encorajam e compartilham suas histórias. Apenas algumas também denunciarão. E ainda haverá aquelas que continuarão em silêncio por medo ou por desconhecimento. Mesmo assim, vão se sentir representadas. Talvez nossas cicatrizes comecem a se fechar ao sentirmos a sombra da justiça pairando sobre nós, sabendo que o que passamos, outras não mais passarão.

desenhei
meu trauma
em tons
dourados
& rosados
para
que ele ficasse
bonito
e outras pessoas
pudessem
aproveitá-lo
(Lovelace, 2019, p.137)

2 INTRODUÇÃO

Universidade: uma instituição de alto prestígio social, que conta com profissionais de alto nível intelectual e ideais bem estabelecidos, que devem lutar pelas transformações sociais necessárias em busca de uma sociedade mais justa e equitativa. De uma instituição assim se espera segurança e ética, mas no ambiente acadêmico, a naturalização de comportamentos abusivos é uma realidade frequente, fruto de relações hierarquizadas (SOLÍS, 2019) com recortes de classe, raça e gênero, assim como nos demais espaços sociais (KABENGELE; SILVA, 2022).

Quase toda mulher dentro da universidade tem uma história de assédio para contar, seja ele de cunho sexual ou moral, seja uma história pessoal ou de uma conhecida. O tabu, o medo e o desconforto que o assunto gera precisam ser combatidos, pois o sigilo que tanto nos fazem acreditar ser necessário tem um único objetivo: proteger o perpetrador (agressor). (AGUILAR; BAEK, 2020)

É necessário que a universidade não apenas defenda a ética, mas a promova. Para tanto, é necessário que o corpo docente esteja preparado para formar profissionais e cidadãos competentes, o que inclui muito mais que uma “ética aplicada” à profissão. Inclui a formação ética de seus estudantes para que se comprometam com valores de justiça, igualdade, liberdade, solidariedade, respeito, diálogo, entre outros (FINKLER; RAMOS, 2017).

Nossa proposta quanto à necessidade de uma formação ética na universidade está situada no debate sobre os conteúdos de aprendizagem e sobre os estilos de ensino do corpo docente. Esse debate gera processos de reflexão sobre a prática docente, os conteúdos ministrados, as formas como é avaliada e as atitudes que os professores manifestam nas formas de abordar a sua tarefa e nas suas relações com os alunos. Por tudo isso, a integração da formação ética na universidade exige uma mudança na cultura docente do corpo docente. No entanto, essa necessidade, da formação ética, ainda não é compartilhada por toda a comunidade universitária. (MARTÍN; ESTRADA; BARA, 2002, p. 19-20, tradução nossa)

2.1 Breve contexto histórico do assédio

A percepção do assédio sexual faz parte da sociedade desde antigamente. No

Império Romano com o imperador Sila (138 – 78 A.C), quando as mulheres que "fossem honradas" pudessem denunciar os que viessem a ofender sua "decência". Na era cristã com o código Justiniano (529 D.C), que tipificava o "adsectatio" (acompanhar de perto uma mulher contra vontade dela) e o "appellatio" (gritar o nome de uma mulher em público). Mais recentemente, quando o número de mulheres no mercado de trabalho e nas universidades começou a aumentar, por volta de 1960, a percepção sobre o assédio tomou outras proporções e finalmente começou a ser visto como um problema social. (BEZERRA, 2017)

Nas universidades americanas, a preocupação com o assédio sexual se deu em 1964 com o Título VII da Lei dos Direitos Civis de 1964 - que proibia a discriminação com base em raça, sexo, nacionalidade ou religião - e com o Título IX da Lei de Emendas e Educação de 1972, que proibia explicitamente a discriminação com base no sexo dentro dos programas educacionais financiados pelo Estado. (HINER; DIETZ, 2021).

Catherine MacKinnon, uma advogada feminista dos Estados Unidos, foi quem promoveu o termo "assédio sexual", que havia surgido popularmente como ato de "violação sexual" de mulheres subordinadas por seus superiores entre 1960 e 1970. Ela definiu as normativas através da sua obra "*Sexual Harassment of Working Women*" (1979), ganhando notoriedade ao deixar claro que o assédio sexual no ambiente de trabalho não era uma questão meramente privada e sim um ato ilícito de natureza civil, endereçando na esfera pública o assédio sexual como prática discriminatória. (PARANHOS, 2017).

No Brasil, em 1999, a deputada Iara Bernardi criou um projeto de lei que mais tarde se tornou a Lei do Assédio Sexual. Anteriormente, existiam apenas os crimes contra os costumes referentes a liberdade sexual no Decreto-Lei Nº 2848, de 7 de dezembro de 1940:

Estupro

Art. 213. Constranger mulher a conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça.

Pena - reclusão, de três a oito anos.

Atentado violento ao pudor

Art. 214. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal:

Pena - reclusão de dois a sete anos.

Posse sexual mediante fraude

Art. 215. Ter conjunção carnal com mulher honesta, mediante fraude: Pena - reclusão, de um a três anos.

Parágrafo único. Se o crime é praticado contra mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de quatorze anos:

Pena - reclusão, de dois a seis anos (BRASIL, 1940)

Em 15 de maio de 2001 com a lei nº 10.224 o assédio sexual foi incluído no Código Penal brasileiro. Segundo o artigo 216-A, assédio sexual é definido como “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.” (BRASIL, 2001).

Somente em setembro de 2019, um avanço importante sobre assédio sexual dentro das instituições de ensino foi conquistado. A questão hierárquica era um ponto delicado no artigo 216-A, em considerar o exercício do emprego, mas então, através do processo EREsp 1759135 (2018/0168894-7 – 01/10/2019) o ministro Rogério Schietti Cruz configurou o delito também na relação hierárquica professor-aluno. (LIMA, 2019)

Utilizando como base a norma técnica de “Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes” do Ministério da Saúde, foram definidos os termos que serão utilizados neste trabalho para enquadrar quem violenta e quem é violentada(o). São eles: “autor da violência”, “autor da agressão”, “violência perpetrada por agressor”, “mulheres em situação de violência”, “vítima” ou “vítima de violência”. (BRASIL, 2012). Entretanto, vale a reflexão de que não podemos cristalizar o termo “vítima” apenas para as mulheres e “agressor” apenas para homens. É necessário compreender o “ciclo da violência” para se entender a dinâmica das relações interpessoais. (DELZIOVO; OLIVEIRA; LUIZ, 2014)

A violência sexual é uma questão de saúde pública. Ela pode causar traumas e ferimentos, tanto visíveis quanto invisíveis, podendo até levar a morte. O enfrentamento depende de ações de diversos setores sociais. No Brasil, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, O Ministério da Saúde e o Ministério da Justiça vinham trabalhando juntos para desenvolver enfrentamentos e políticas contra as violências sexuais (BRASIL, 2015), mas nos últimos anos, observou-se um agravamento de

todas as formas de violência. Segundo o 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (sobre os dados do setor de segurança pública no Brasil em 2021) houve um aumento nos casos de violência contra a mulher. Os casos de assédio somaram 4.922 (aumento de 2,3%) e os casos de importunação sexual chegaram a 19.209 casos (aumento de 9%). Quando analisamos os dados sobre a violência contra a população LGBTQIA+ os dados são mais alarmantes. Houve um aumento de 35,2% nas agressões, um aumento de 7,2% na taxa de homicídios e um crescimento de 88,4% nos casos de estupro. (FBSP, 2022)

2.2 O assédio sexual nas universidades

Não há mal que dura cem anos e ninguém pode suportá-lo”, diz um ditado popular no México. Só que as mulheres foram programadas para suportar, em termos de carga (mental), uma miríade de desconfortos que não deixam de ser sentidos mesmo ao entrar na Universidade. A expectativa de se libertarem do fardo da servidão aos mandatos patriarcais de gênero, cultivando o intelecto e a agitação de pensamentos que conduzem às salas de aula da faculdade, está enfraquecendo à medida que as alunas colidem com assédio sexual. (SOLÍS, 2019, p. 214, tradução nossa)

O assédio sexual nas universidades desperta um sentimento de controvérsia. Por ser um local de defensores da crítica e da moral, espera-se que os que estão inseridos nela sejam também pessoas de consciência crítica, que prezam pelo respeito, liberdade e decência. Porém, os assédios sexuais na universidade são muito mais frequentes do que imaginamos. (SOLÍS, 2019)

Segundo Aguilar e Baek (2020) existem estudos que comprovam que 50% das estudantes mulheres universitárias sofreram algum tipo de assédio sexual durante seus anos na universidade. Apesar disso, as taxas de denúncia geralmente são baixas, por medo de retaliação, ainda mais quando o “autor da violência” é membro do corpo docente. A maioria dos assédios sexuais que são denunciados nas universidades estão relacionados ao contato físico indesejado, e a maior parte dos autores são reincidentes.

Infelizmente, muitas histórias seguem o mesmo fluxo: as vítimas de violências sexuais denunciam, porém, as investigações e sindicâncias que são abertas levam anos até (talvez) serem concluídas (ou apenas arquivadas). Sabe-se que há uma

grande subnotificação, reforçando a ideia de que o número real de casos de assédio sexual nas universidades é muito maior do que o relatado. Os dados mais fidedignos existentes são os do estudo Interações, realizado pelo Escritório USP Mulheres, entre 2017 e 2018). Segundo ele, apenas 12% das sobreviventes de violências sexuais as relataram para a instituição de ensino. (SAYURI, 2019)

Ainda segundo Sayuri (2019), após a CPI dos Trotes, em 2018, e a primavera feminista em 2015 (manifestações ocorridas no Brasil em que mulheres foram às ruas para barrar o Projeto de Lei 5069/2013 que queria restringir o direito ao aborto legal), o número das denúncias aumentou. Nos últimos anos, as estudantes, foram motivadas a expor suas histórias pela onda crescente das campanhas #PrimeiroAssedio e #MeuProfessorAbusador.

Por todo o exposto, “é importante abordar o assédio sexual na academia; aqueles que optam por assediar sexualmente seus alunos e / ou colegas são responsáveis por uma série de resultados negativos entre aqueles que eles vitimizam.” (AGUILAR; BAEK, 2020, p.14, tradução nossa).

2.3 Resistências e estratégias contra o assédio sexual universitário

Segundo o relatório mundial sobre violência e saúde, as estratégias utilizadas para a prevenção do assédio sexual são limitadas. A maioria delas foi implementada em países industrializados e poucas foram de fato avaliadas. Elas estão divididas em: abordagens individuais, resposta da assistência à saúde e esforços comunitários. (KRUG et al., 2002).

Nas abordagens individuais encontram-se as assistências de apoio psicológico para as vítimas, programas para autores de violência, e programas voltados para a promoção da saúde sexual e reprodutiva. Nas respostas da assistência à saúde encontram-se os serviços médicos-legais, treinamento para profissionais de assistência à saúde e centros que oferecem ampla assistência às vítimas de agressões sexuais. Nos esforços comunitários evidenciam-se as campanhas de prevenção, programa nas escolas e ativismo comunitário por parte dos homens. (KRUG et al., 2002).

Enfrentar a violência contra as mulheres exige, acima de tudo, a construção de condições para que possam escolher e decidir, a partir das informações qualificadas sobre todos os seus direitos, sobre os serviços especializados e sobre os procedimentos para a denúncia da violência sofrida, contribuindo dessa forma para sua autonomia. (BRASIL, 2015)

Um levantamento com 209 denúncias de violências em 122 universidades brasileiras, 85 delas foram de assédio sexual. Nesse levantamento, os pesquisadores tentaram contato com essas universidades para saber quais políticas tinham para lidar com casos de violências contra a mulher. Apenas 40 instituições responderam a esse contato, afirmando possuir políticas internas, entretanto, não passavam de diretrizes abstratas sem protocolos específicos. Uma das universidades afirmou que recomenda que as sobreviventes procurem a delegacia da mulher e uma unidade de saúde quando necessário, tirando de si, a responsabilidade de prestar apoio. Ainda, em outro estudo, com 100 universidades latino-americanas, 60 não possuem protocolos para prevenir os casos de assédio e violências sexuais, nem para proteger as sobreviventes ou punir os autores de violência; Seis universidades nesse estudo eram brasileiras. Dentre elas, apenas a Universidade de São Paulo afirmou ter diretrizes. (SAYURI, 2019)

Para que uma mulher seja ouvida, é importante que outra mulher a ouça. A troca de experiência e aprendizagem coletiva se torna uma participação política, formando um pensamento crítico, impulsionando mulheres a levantarem sua voz para ocupar espaços antes dominados pelo sistema patriarcal. Redes de apoio e grupos de discussão para estudantes e ativistas são de extrema importância para a visibilidade do movimento contra o assédio sexual nas universidades, assim como as denúncias institucionais (HINER; DIETZ, 2021).

3 OBJETIVO

3.1 Objetivo geral

Conhecer a produção científica nacional e internacional sobre assédio sexual nas universidades.

3.2 Objetivos específicos

- Ampliar o conhecimento sobre a realidade do assédio sexual nas universidades do Brasil e do mundo;
- Identificar propostas e experiências de sucesso para lidar com o assédio sexual nas universidades.

4 MÉTODO

Foi efetuada pesquisa bibliográfica do tipo revisão sistematizada da literatura. (GALVÃO; RICARTE, 2019). A busca se deu por meio da construção de estratégias que empregaram palavras-chave (Apêndice A) que remetem ao tema do assédio sexual e do ensino superior, em três idiomas: português, inglês e espanhol. O operador booleano 'AND' foi utilizado para unir os termos principais (diferentes conteúdos) e o operador 'OR' para agregar termos correlatos (mesmos conteúdos).

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: tratar da temática do assédio sexual no contexto universitário; estar redigido em português, inglês ou espanhol. O local de busca foram nas bases de dados CINAHL, APA Psyc Net, Scopus, Web of Science, MEDLINE, Scielo ou NDLTD. Como foram muitos os resultados desta busca inicial, os achados foram então restringidos pelo tempo de publicação, incluindo-se os que estavam nos últimos dez anos. Depois, também selecionados pelo conteúdo verificado com a leitura do título.

Nome da base	Chave de busca	Filtros
CINAHL	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas") AND ("Higher Education")	Tempo
APA Psyc Net	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas") AND ("Higher Education")	Título e tempo
Scopus	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas") AND ("Higher Education")	Título e tempo
Web of Science	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas") AND ("Higher Education")	Título e tempo

MEDLINE	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas" OR "Assédio Sexual" OR "Perseguição Sexual" OR "Abuso Sexual" OR "Violência Sexual" OR "Trauma Sexual" OR "Trauma de Abuso Sexual" OR "Trauma do Abuso Sexual" OR "Trauma por Abuso Sexual" OR "Acoso Sexual" OR "Hostigamiento Sexual" OR "Persecución Sexual") AND ("Higher Education" OR "Educação Superior" OR "Ensino Superior" OR "Educação Universitária" OR "Educación Superior" OR "Enseñanza Superior")	Título e tempo
Scielo	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas" OR "Assédio Sexual" OR "Perseguição Sexual" OR "Abuso Sexual" OR "Violência Sexual" OR "Trauma Sexual" OR "Trauma de Abuso Sexual" OR "Trauma do Abuso Sexual" OR "Trauma por Abuso Sexual" OR "Acoso Sexual" OR "Hostigamiento Sexual" OR "Persecución Sexual") AND ("Higher Education" OR "Educação Superior" OR "Ensino Superior" OR "Educação Universitária" OR "Educación Superior" OR "Enseñanza Superior")	Tempo
NDLTD	("Sexual Harassment" OR "Sexual Harrassments" OR "Sexual Abuse" OR "Sexual Violence" OR "Sexual Trauma" OR "Sexual Abuse Trauma" OR "Sexual Abuse Traumas" OR "Sexual Traumas") AND ("Higher Education")	Título e tempo

Quadro 1. Base de dados e chave de busca

O total de artigos encontrado nas bases de dados foi 189. Eles foram exportados para o Mendeley, um software gratuito para gestão de referências bibliográficas, que identificou os 30 duplicados que foram retirados, restando 159 artigos. O passo seguinte foi a leitura dos títulos e resumos, para continuar aplicando os critérios de exclusão, que seriam os que não estavam na temática proposta (alguns textos falavam sobre temáticas que divergiam do assédio sexual nas universidades, como por exemplo o assédio sexual sem ser no ambiente acadêmico, trabalhos referentes à pedofilia, aborto etc. e por isso foram excluídos). Ao final, 110 materiais permaneceram como resultado do processo de seleção, ilustrado na Figura 1.

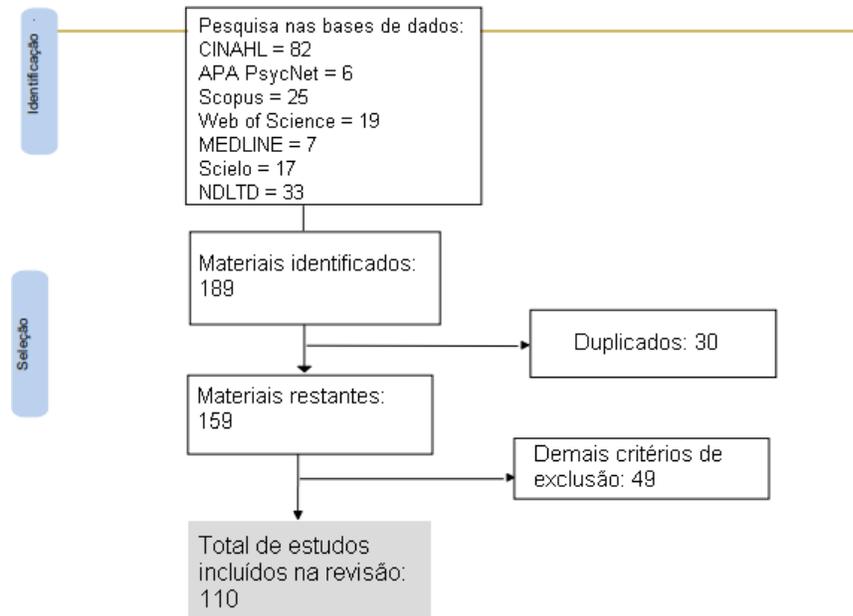


Figura 1. Fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos

Os artigos incluídos tiveram seus dados extraídos para uma planilha de Excel®, a saber: título, autores, ano de publicação, nome do periódico, local de publicação do periódico, país de origem, objetivo principal do artigo, método (em caso de relatos de pesquisa), principais resultados e encaminhamentos sugeridos pelos autores. Além disso, foram localizadas e coletadas informações relativas à ocorrência de abuso sexual nas universidades, bem como relatos de experiências sobre formas de enfrentamento do problema. Todos estes dados foram compilados a fim de se obter os resultados da pesquisa e responder aos seus objetivos.

5 RESULTADOS

5.1 Análise bibliométrica e objetivos das pesquisas sobre assédio sexual universitário

Dos 110 artigos incluídos na revisão, 84 eram artigos científicos, 18 eram dissertações, 7 eram livros e 1 era anais de conferência. A figura 2 ilustra a distribuição temporal crescente destas publicações. Essa tendência de crescimento se deve às publicações na forma de artigos científicos, especialmente a partir de 2017, como pode ser percebido na figura 3.

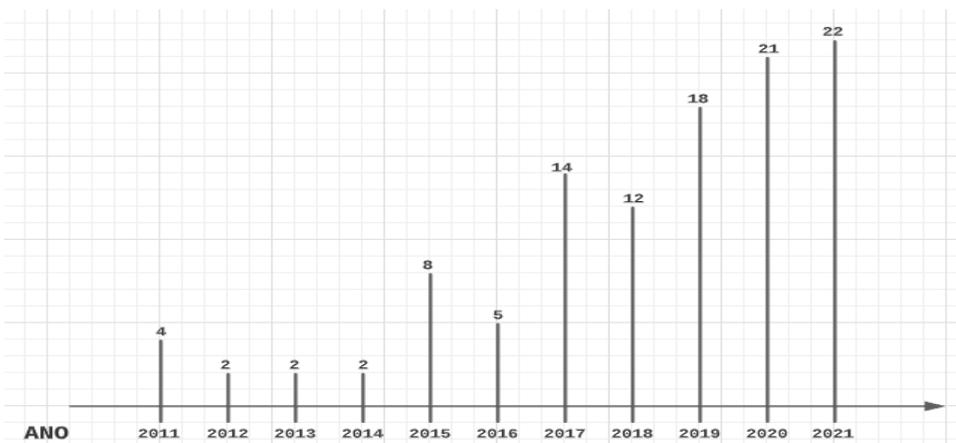


Figura 2. Distribuição temporal das publicações.

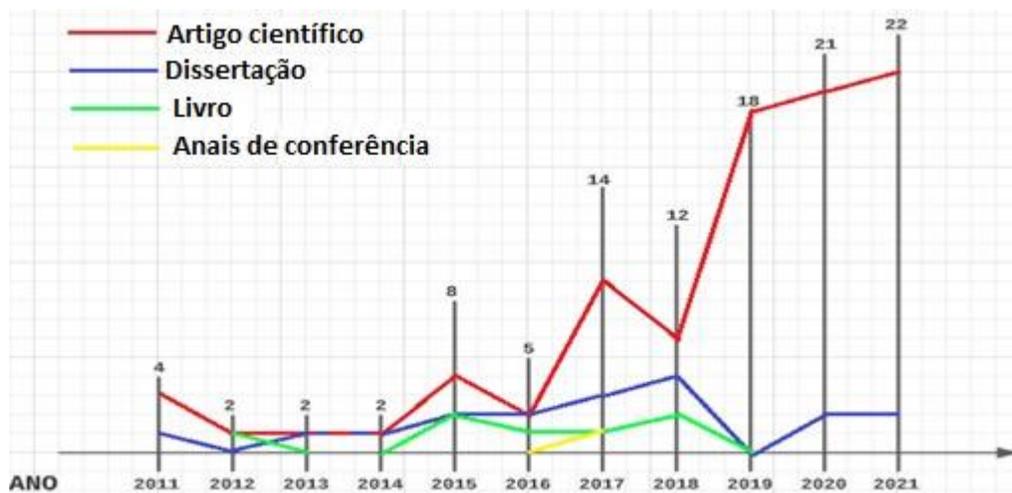
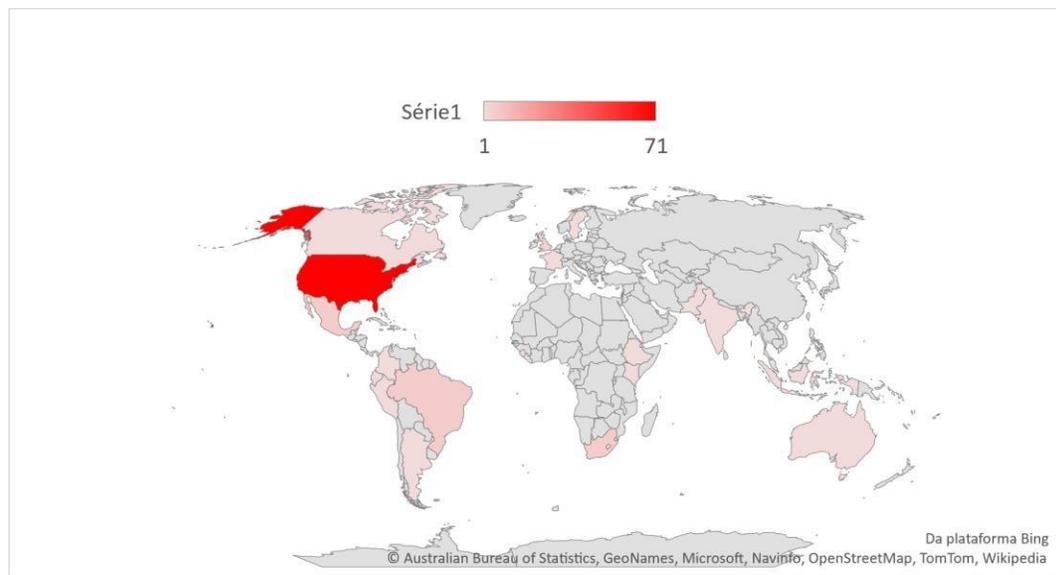


Figura 3. Distribuição temporal por tipo de publicação.

A análise dos dados revelou pesquisas realizadas em 21 países (Figura 4). A maioria foi realizada nos Estados Unidos (71 \cong 65%). Os demais países foram África do Sul (6 \cong 5%), Brasil (6 \cong 5%) e México (6 \cong 5%), seguidos por Reino Unido (4 \cong 4%), Inglaterra (2 \cong 2%), Argentina, Austrália, Canadá, Colômbia, Equador, Etiópia, França, Índia, Indonésia, Paquistão, Peru, Praga, Quênia, Serra Leoa e Suécia (cada com apenas 1 pesquisa \cong 1%).



Em relação ao país de publicação dos periódicos, os 84 artigos científicos são provenientes de 15 países (Figura 5). Novamente a maioria é dos Estados Unidos (55, \cong 65%), seguidos por Reino Unido (8, \cong 10%), México (5, \cong 6%), Brasil (3, \cong 4%), África do Sul (2 \cong 2%), Espanha (2 \cong 2%), e Alemanha, Argentina, Austrália e Uganda (cada um com apenas uma pesquisa, \cong 1%).

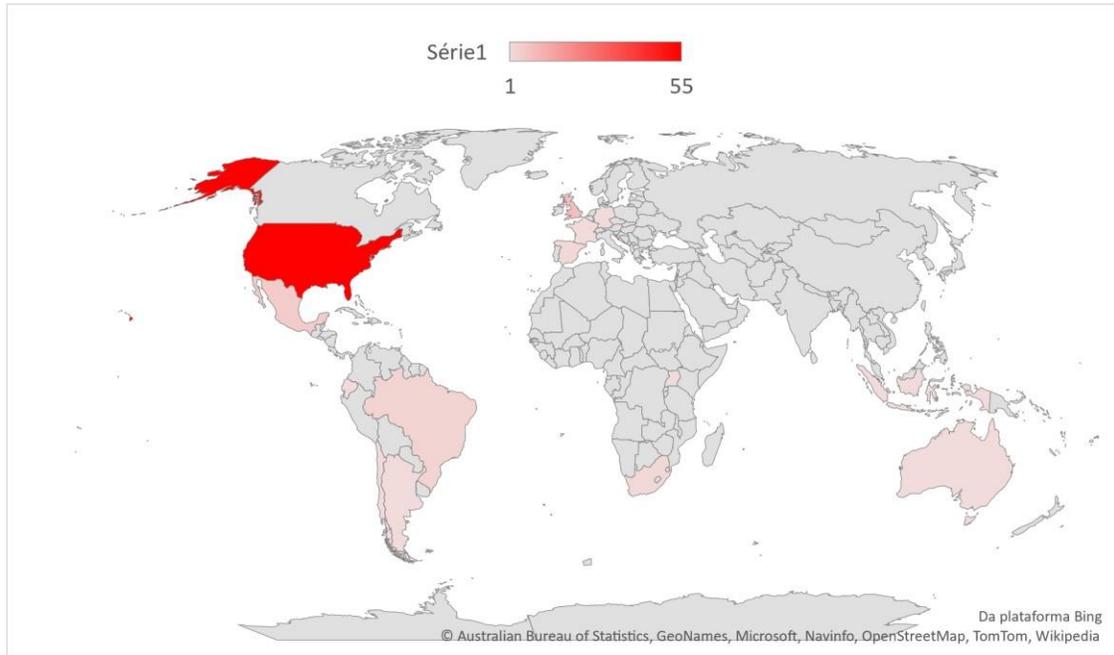


Figura 5. Distribuição dos artigos científicos por países de publicação dos periódicos.

Os artigos foram publicados em 56 periódicos (Apêndice B) dentre os quais se destacam o “Journal of Interpersonal Violence” pelo maior número de publicações (12, $\cong 21\%$), seguido pelo “Journal of School Violence” (6, $\cong 11\%$) e pelo “Violence Against Women” (5, $\cong 9\%$). Em comum, observa-se que possuem como escopo, a temática da violência.

Em relação à afiliação institucional dos autores das pesquisas (figura 6), pode-se observar que a maioria são do campo das Ciências Sociais (64, $\cong 58\%$), seguidas pelas Ciências Políticas (21, $\cong 19\%$) e Ciências da Educação (14, $\cong 13\%$).

Quanto aos métodos de pesquisa, 64 ($\cong 58\%$) eram do tipo qualitativa, 24 ($\cong 22\%$) quantitativa, 14 ($\cong 13\%$) mista e 1 ($\cong 1\%$) metodológica. Os demais 7 ($\cong 6\%$) materiais incluídos eram livros.

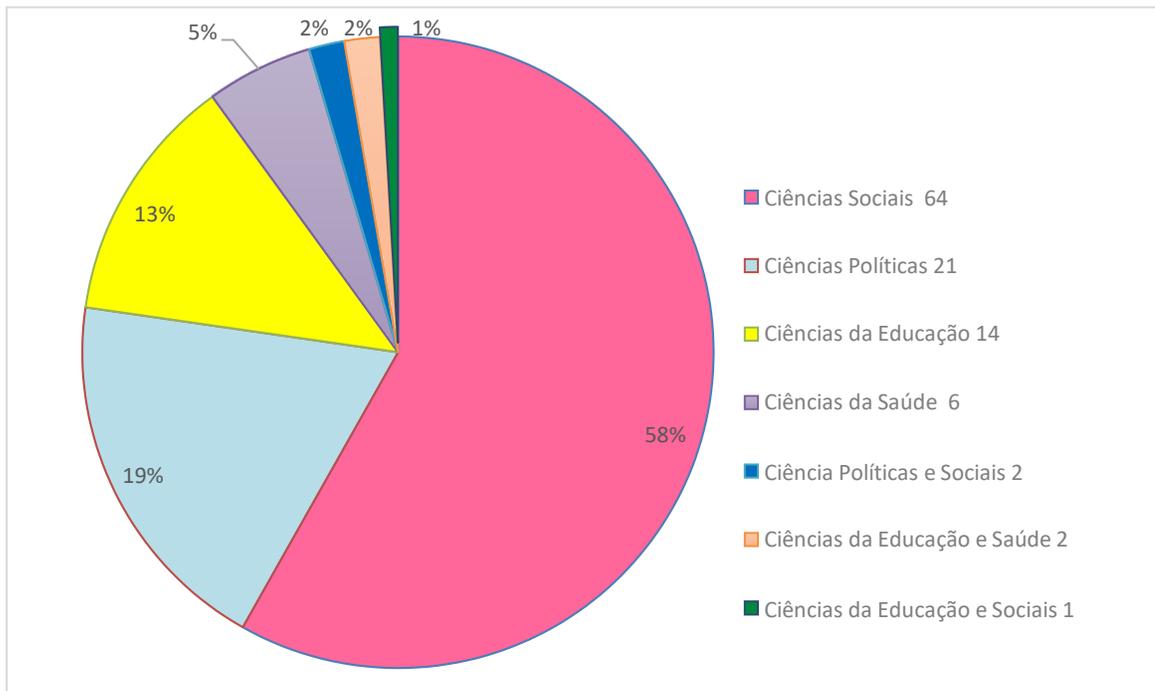


Figura 6. Áreas do conhecimento das pesquisas e suas quantidades.

Analisando o objetivo dos documentos, observou-se que a maior parte deles tinha o intuito de reportar experiências de denúncias pessoais ou de um grupo (#4, 5, 23, 24, 47, 52, 66, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 83, 85, 97, 98, 100, 102, 110), analisar a construção de políticas institucionais contra o assédio sexual, ou ainda, avaliar as já existentes (#8, 13, 15, 18, 20, 21, 27, 35, 39, 41, 56, 60, 75, 79, 80, 82, 84, 103, 104, 107).

Outros estudos tinham por objetivo mensurar a prevalência do assédio sexual de um modo em geral nas universidades (#1, 12, 22, 28, 64, 72, 99, 108), ou mensurar especificamente entre estudantes LGBTQIA+ e de etnias/raças não branca (#33, 37, 46, 62, 78, 95).

Compreender a abordagem e os obstáculos da violência sexual no ensino superior, assim como esses assuntos têm sido abordados (#2, 6, 10, 11, 12), determinar as implicações existentes tanto para profissionais como para estudantes e discutir como ser mais preventivo e proativo frente a essas violências (#3, 36) também foram objetivos elencados.

Um grupo menor de pesquisas tratava do Título IX, que se tornou parte das emendas da educação em 1972, nos Estados Unidos. Ele determina que qualquer programa institucional que receba financiamento federal, não pode discriminar estudantes pelo gênero nas atividades esportivas e nos programas educacionais. Estas pesquisas tiveram como objetivo abordar a violência sexual e o assédio no campus, assim como entender melhor seu impacto na vida dos estudantes (#48); analisar se os sites institucionais fornecem programas de prevenção (#58); assim como compreender o que realmente significa o Título IX e suas implicações (#59). Também houve artigos com o objetivo de examinar os processos e os resultados dos incidentes relatados (#74, 92).

Houve ainda um grupo de estudos focados na ocorrência de violência sexual no ensino superior com homens, defendendo a importância de seu estudo (#7, 65); a importância de que homens sejam aliados nas intervenções contra a violência sexual (#17, 30, 31); bem como direcionado a compreender como eles entendem tais intervenções (#14).

Os demais documentos possuíam objetivos diversos, destacando-se o de denunciar a ineficácia dos procedimentos disciplinares para proteger as vítimas de violência e punir autores de violências (#61), discutir iniciativas e soluções, identificar lacunas e direções para eliminar a discriminação de gênero e o assédio sexual nas universidades (#42).

5.2 O assédio nas universidades: uma síntese do que relata a literatura

Com relação aos resultados dos estudos, ficou evidente que a prevalência do assédio sexual nas universidades é alta. Há uma tendência de o agressor de violência sexual ser homem e da pessoa em situação de violência ser a mulher, tendo como consequências da violência sexual sofrimento psicológico e social. O assédio sexual é percebido nos toques, nas ameaças e nos avanços sexuais (#1, 2, 4, 5, 11, 12, 16, 28, 29, 42, 46, 47, 48, 51, 52, 62, 64, 72, 95, 99, 100, 102, 108). Costumam ser experiências constrangedoras, ainda mais pela falta de credibilidade nas mulheres, por conta do machismo culturalmente hegemônico. Também por ele, os comportamentos

de violência sexual são naturalizados e invisibilizados. Surgem sentimentos de humilhação e culpa em muitas das pessoas vítimas deste tipo de violência (#2, 5, 12, 21, 47, 48, 97, 98).

Há alguns fatores que desencorajam as vítimas de assédio sexual em seguir a diante com sua denúncia. São eles: o “medo do ridículo”, medo de represálias, vergonha, perda de prestígio social e a sensação de que “fazer qualquer coisa é inútil” (#63), além da falta de confiança na resposta institucional (#80). O sigilo em casos de má conduta sexual pode contribuir para reforçar o silenciamento de alunas e funcionárias, tanto quando as alegações de má conduta sexual foram comprovadas quanto quando os funcionários renunciam antes de punições disciplinares (#57). Com isso, muitas vezes estudantes minimizam sua experiência e expressam medo de vitimização secundária, de serem acusadas de fazer acusações falsas (#69), já que desencorajar a denúncia de diversas maneiras é uma das fórmulas usadas para não se lidar com o assédio sexual (#63, 68). Muitas vezes, a consciência de que houve um assédio vem depois de muitos questionamentos e busca de informações, para que se possa entender a gravidade da situação e compreender que é necessário proteção, apoio e recursos para enfrentar a situação e para que se possa, por fim, entender que o autor da violência deve ser responsabilizado (#83).

Sustentando a tese de que a má conduta sexual raramente é um evento isolado, uma pesquisa (#84) revelou que 125 professores acusados de terem algum tipo de conduta sexual inadequada afetaram 1668 vítimas de violência. Nesse artigo, os autores categorizaram a má conduta em agressão (contato sexual indesejado ou não consensual) e assédio (discriminação sexual, incluindo comportamento oral, escrito ou físico). Dos docentes acusados, 96% eram homens e 91,5% deles visavam apenas mulheres. A agressão sexual foi cometida por 29,6% e o assédio sexual por 56%. Os comportamentos inadequados recorrentes foram evidenciados em 87% dos casos. Dos acusados, 49% pediram demissão ou se aposentaram e apenas 20,8% foram demitidos (#84).

Os espectadores, aqueles que podem intervir e ajudar a pessoa em situação de violência, geralmente são homens. Quando eles decidem agir, em geral é por alguma das três razões: responsabilidade, reputação ou compromisso moral (#14). Porém, a

responsabilidade de intervenção dos homens é comumente motivada pelo desejo de proteger as mulheres da vitimização, sugerindo um sexismo benevolente ou sentimentos de paternalismo protetor, ao invés de justiça social ou desejo de combater a desigualdade de gênero (#26). As percepções das normas de ajuda e da influência da comunidade são associadas a níveis mais altos de senso de responsabilidade em ajudar (#94).

A literatura revisada enfatiza a necessidade de que o tema do assédio sexual seja abordado nas universidades. Muitos estudos sugerem que ele precisa estar incluído na formação profissional dos estudantes. O assunto deve ser trazido à luz e debatido, junto com ações educativas para desconstruir a cultura da subordinação e revisar as estruturas de poder que o sustentam (#2, 9, 10, 11, 12, 14, 66). O corpo docente deve garantir que os limites profissionais sejam rigorosamente mantidos e, eles devem permanecer totalmente cientes das políticas do campus (#59).

Uma onda chamada "ativismo online" vem surgindo. Os estudantes usam as mídias sociais para aumentar a conscientização sobre a violência sexual (#25). Com isso, algumas universidades passaram a usar seus "sites" para incluir informações e recursos educativos acerca do mesmo (#25, 73, 88, 106).

Alguns estudos trouxeram a reflexão de que apesar de a mulher heterossexual cisgênera geralmente ser a vítima nos casos de violência sexual, isso não significa que outras pessoas não sofram tal violência (#65, 78). Um estudo investigou a experiência de 15 homens cisgêneros e transgêneros que foram vítimas de violência sexual na universidade. Os participantes falaram significativamente sobre a importância da comunidade após a violência sexual, sendo os amigos apontados como suporte-chave. (#7). Quando falamos da comunidade LGBTQIA+, um estudo (#33) descobriu que esses estudantes são sensíveis a temas heterossexistas em seus currículos de prevenção de agressão sexual e podem se sentir pessimistas sobre a capacidade de sua universidade de responder às vítimas de violência sexual.

5.3 Propostas e experiências de enfrentamento

Faz-se necessário intervir, tomar conhecimento e engajar-ser na discussão ativa

das crenças profundamente arraigadas sobre as relações de gênero que influenciam a forma como as práticas e relações de assédio sexual são percebidas e desafiadas nessa sociedade (#70). Como a violência de gênero e o assédio sexual estão imersos em uma cultura misógina e neoliberal, para transformar essa cultura deve-se olhar para as questões mais amplas de sexismo, suas intersecções com outras questões estruturais como raça e classe que influenciam tanto vítimas de violência quanto autores de violência (#87).

Cada campus deve tomar medidas para reduzir a prevalência de má conduta sexual, equipado com uma compreensão das formas mais urgentes de má conduta e dos alunos mais afetados (#60). Faz-se necessário criar um ambiente seguro de apoio para as vítimas em situação de violência, que fortaleça e facilite o empoderamento (#4, 5, 67), como projetos clínicos de atenção psicossocial e educacionais para promover o bem-estar das estudantes (#77), desenvolver políticas, protocolos e programas de prevenção, ações disciplinares e novas regulamentações (#11, 13, 15, 18, 20, 35, 58, 75).

A inclusão das pessoas que sofreram violência sexual e daquelas que as apoiaram no desenvolvimento e revisão de políticas é essencial (#31). Já que qualquer pessoa pode ser vítima e qualquer um pode intervir, sugerem-se programas de treinamentos de prevenção de agressão sexual, enfatizando técnicas de autodefesa (#14). O Coletivo de luta contra o sexismo e assédio sexual no ensino superior, é uma associação feminista fundada na França– CLASCHEs - deixa claro que existem muitas maneiras de combater a violência sexual e de gênero no ensino superior e na pesquisa, porém é necessário que toda a comunidade acadêmica esteja mobilizada para que isso de fato aconteça (#61).

Em um artigo em específico, há a exposição de um relatório da Academia Nacional de Ciências, Engenharias e Medicina (NASEM, que é o trabalho de três instituições superiores sem fins lucrativos localizadas em Washington, a Academia Nacional de Ciências, a Academia Nacional de Engenharia e a Academia Nacional de Medicina) com recomendações para reduzir o assédio sexual nas universidades: criar ambientes diversos, inclusivos e respeitosos; abordar a forma mais comum de assédio sexual - assédio de gênero; extrapolar a conformidade legal para abordar a cultura e o

clima; melhorar a transparência e a responsabilidade; minimizar a relação hierárquica e dependente entre estagiários e docentes; fornecer suporte para as vítimas de violência; esforçar-se por uma liderança forte e diversificada; medir progresso; incentivar mudança; incentivar o envolvimento de sociedades profissionais e outras organizações; iniciar ação legislativa; abordar falhas para impor significativamente a proibição do Título VII sobre discriminação sexual; aumentar a ação e a colaboração das agências federais; fazer as pesquisas necessárias e responsabilizar toda a comunidade acadêmica pela redução e prevenção do assédio sexual (#42)

Para fortalecer políticas contras a agressão sexual na universidade, recomenda-se também o estabelecimento de um repositório de dados sobre agressão sexual no ensino superior, analisando dados existentes e identificando oportunidades para coleta de dados aprimorada, traduzindo e divulgando resultados de pesquisas de agressão sexual no campus para preencher lacunas entre pesquisa, prática e política (#27).

Também se ressalta a necessidade de treinamentos de intervenção para a comunidade acadêmica auxiliar quando alguém está na posição de espectador e potencial defensor da vítima de violência (#55, 96), como o exemplo do “Mentores em prevenção de Violência” (MVP) que é um programa de prevenção de violência de gênero, assédio sexual e bullying fundado nos Estados Unidos. Tem por objetivo desenvolver intervenções em situações de emergência e promover a cultura de que situações de violência e comportamentos abusivos são inaceitáveis. Após os líderes estudantis participarem dos programas de treinamento, eles tiveram medidas mais altas no nível de confiança para a prevenção da violência de gênero, para falar com outras pessoas sobre violência sexual, para usar a liderança na promoção da igualdade de gênero e sexual e para perceber a violência sexual como um problema (#49).

Os achados sugerem que os programas de prevenção de violência sexual devem considerar como seu conteúdo aborda masculinidades, e se os objetivos e o conteúdo de suas sessões estão ajudando a desmantelar ou a reforçar involuntariamente as normas associadas à violência sexual (#17). Um estudo mostrou a participação de homens em uma série de seis workshops, que abordaram questões sobre normas e valores de gênero, pressões sociais para o comportamento dos homens, compreensão do estupro, intervenção de espectadores e promoção de relacionamentos saudáveis.

Felizmente, a mudança mostrou estar acontecendo nos homens jovens ao longo dos anos (#50).

7 DISCUSSÃO

A meta de igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres tem como foco as ações para o acesso de mulheres à educação. No entanto, esse é um desafio quando identificamos que as mulheres brasileiras vivem em seu cotidiano opressão, assédio e vários outros tipos de violência. Isso sem falar no processo de desmonte das políticas públicas para as mulheres, que se iniciou com o golpe parlamentar-jurídico-midiático que destituiu a primeira presidenta eleita e reeleita do Brasil. (PORTO, 2017, p. 400-401)

Ao entrar na universidade, as estudantes pensam que estão entrando em um ambiente seguro, confortável, livre do medo. Entretanto, o que se encontra é a extensão de uma sociedade machista e misógina que adentra os “muros” universitários. Essa revisão da literatura nos mostrou que o assédio sexual nas universidades possui uma alta prevalência, e que a vítima da violência costuma ser a mulher (#1, 2, 4, 5, 11, 12, 16, 28, 29, 42, 46, 47, 48, 51, 52, 62, 64, 72, 95, 99, 100, 102, 108). Ela é vivenciada, em média, por uma a cada quatro estudantes do gênero feminino (#72), sendo que o fato de ser mulher aumenta em 86% as chances de sofrer assédio sexual por um professor/funcionário da universidade (#46).

A primeira pesquisa de cunho nacional feita sobre a temática da violência contra a mulher no ambiente universitário foi feita só em 2015, com 1823 participantes universitários (60% mulheres e 40% homens). Seus dados foram alarmantes: mais da metade das mulheres (56%) afirmaram já terem sofrido assédio sexual na universidade; 42% das mulheres sentem medo de sofrer violências no ambiente universitário e 36% das mulheres já deixaram de fazer atividades acadêmicas por medo. (DATA POPULAR/INSTITUTO AVON, 2015)

Além do medo, as alunas são constrangidas, passam por traumas emocionais e muitas vezes sofrem represálias (#21, 62). Mas por que as mulheres sentem tanto medo, já que a universidade é vista como um local diferenciado, afinal lá estão intelectuais, pessoas estudadas, pesquisadores, doutoras? O que as leva a ter medo de ficar em uma sala com seu orientador recebendo orientação pedagógica? O que as leva a ter medo de confraternizar em uma festa universitária? O que as leva a ter medo em trocar simples emails com seus professores? A resposta é simples e é importante que

seja repetida e enfatizada: a mulher tem medo porque a violência faz parte da sua vida. O medo é um sentimento concordante à sociedade machista e patriarcal em que vivemos, e ocorre em todo lugar. (PORTO, 2017)

Almeida e Zanello (2022) brilhantemente trouxeram a reflexão de como a universidade é um ambiente desigual e intimidador para as mulheres, evidenciando tal realidade pelo fato de que nossas produções não são nossas, já que nossos primeiros nomes são ocultados das referências bibliográficas. O que está em evidência é o nome de família, que vem quase sempre da parte paterna. Somos um eu lírico servindo de apoio ao narrador, narrador esse que é o patriarcado.

O ativismo online vem surgindo e ganhando força (#25). Em 9 de fevereiro de 2016 foi criada uma página na rede social Facebook intitulada "Meu Professor Abusador". Nos 18 dias em que a página esteve ativa publicando os relatos que eram enviados, houve mais de 600 relatos publicados. Eram denúncias provenientes de estudantes de escolas de nível fundamental e médio, cursinhos e universidades que denunciavam os mais diversos tipos de violências e abusos. (MEU Professor Abusador, [s.d.]). Na análise feita por Linhares e Laurentin (2008), 70% dos relatos publicados incluíam o comportamento abusivo do professor tipificado em "brincadeiras" e piadas, sendo essa uma tentativa de banalizar uma violência que consiste em constranger, intimidar ou humilhar. Um alto nível de incidência foi relatado através de comentários, piadas, insultos (#98), chegando a 73% das participantes de uma pesquisa terem sido alvos de piadas e linguagens sexistas (#4).

"É muito comum que a assediada duvide de sua percepção e é frequente a reação de medo, paralisia e submissão ao assédio sexual sofrido. Quanto mais implícita a violência, mais difícil é o dar-se conta de sua nocividade". (ZANELLO; RICHWIN, 2022; p.292). As alunas muitas vezes minimizam a situação, suas experiências, e sentem medo de uma vitimização secundária, ou seja, de serem acusadas de fazer uma denúncia falsa (#69). As consequências para as mulheres vítimas de assédio sexual na universidade são muitas. Elas vão desde aspectos psicológicos, afetando sua saúde mental, até a mudanças de projeto de vida. Muitas alunas largam a vida acadêmica, muitas se sentem constrangidas por professores e colegas quando denunciam, sofrendo assim uma segunda violência, a culpabilização. (ZANELLO;

RICHWIN, 2022)

Mas afinal, como se parece a pessoa que violenta outra? Qual a imagem de um abusador, de um assediador? Essa imagem, no mundo real, não existe. Costuma-se pensar que um professor “desconstruído”, “queridão da turma”, “conservador” jamais cometeria uma violência, o que é um grande equívoco, já que não existe um “abusador típico”. Esses rótulos por sua vez, levam muitas vezes à culpabilização e ao descrédito da vítima, afinal “ele é um ótimo professor, ele não faria isso”, “todos gostam dele, ele jamais faria isso”, “ele é casado e tem filha, não faria isso”. (LINHARES; LAURENTINI, 2008)

Talvez, um dos pontos mais delicados em ser vítima de violência sexual no ambiente universitário é a não garantia de que o autor da violência será responsabilizado e punido por seus atos, e mesmo se fosse, apenas isso não seria suficiente (ALMEIDA, 2017). Como bem nos mostraram os estudos, os campi precisam desenvolver políticas e achar meios de tornar a universidade um local sem violência, mas caso aconteçam, precisam estar preparados para enfrentá-las (#4, 5, 11, 13, 15, 18, 20, 35, 58, 60, 67, 75, 77).

Segundo as diretrizes gerais para as ações institucionais de intervenção diante de situações de violência ou discriminação de gênero ou orientação sexual, a universidade deve garantir uma reparação justa e eficaz para as vítimas de violência. Nisso deve estar incluída a restauração da vida acadêmica e pessoal sem danos advindos das discriminações e violências sofridas, com uma mensagem clara de que os atos que ocorreram não se repetirão, havendo atendimento físico e mental, com apoio psicológico. Os direitos humanos e das mulheres, e a legislação examinadas evidenciam a urgência de que toda a comunidade venha a combater a violência contra as mulheres, ressaltando a responsabilidade das instituições para que não se permita violência institucional. (MAITO et al., 2020)

A ONU Mulheres (2018) publicou um guia de orientações para auxiliar na prevenção e nas respostas a cerca das violências ocorridas nos campi. De forma bem resumida, encontram-se 10 ações nesse documento que são: 1) identificar a violência e sua natureza dentro dos campi; 2) adotar a política de tolerância zero para qualquer tipo de violência que ocorra; 3) colocar uma pessoa da comunidade acadêmica para

coordenar as ações de enfrentamento; 4) elaborar protocolos, tais quais a) código de conduta para professores e funcionários, b) protocolo para denúncia e sigilo, c) medidas de suporte provisório, d) protocolos de investigação e adjudicação; 5) medidas provisórias e de apoio; 6) monitoramento e avaliação dos mecanismos de enfrentamento; 7) dispor de orçamento para cumprir as ações e estratégias; 8) prestação de serviços essenciais; 9) programas de conscientização; 10) promover relacionamentos respeitosos desafiando masculinidades nocivas. O guia traz muitas ações e orientações interessantes. As universidades que tenham interesse em melhorar suas políticas, desenvolver projetos e ações contra os variados tipos de violências que ocorrem nos campi, em especial o assédio sexual, se beneficiarão da leitura e estudo do mesmo na íntegra.

Como bem nos mostraram os resultados, as violências no ensino superior, em especial o assédio sexual, muitas vezes foram e são silenciadas e invisibilizadas, o que não impede que aconteçam, e muito menos sem consequências (#32, 47). Mas, felizmente, essa pauta tem ganhado mais espaço em debates que exigem políticas públicas para que esse fenômeno seja reduzido. E isso graças a muitos coletivos feministas que têm surgido no ambiente acadêmico nos últimos anos. (PORTO, 2017)

Os coletivos feministas que surgem nas universidades, muitas vezes de forma espontânea, assumem o controle pela luta dos direitos das mulheres. Eles acolhem as vítimas, as ouvem, as colocam em local de fala, denunciam os casos, divulgam conhecimentos, cobram providências. (ALMEIDA, 2017). Além disso, faz-se necessário discutir e incluir no processo de formação acadêmica a temática da violência, em especial as violências contra as mulheres (#2, 9, 10, 11, 12, 14, 66). Deve-se levar em conta estudos e pesquisas e não convicções pessoais, senso comum ou até mesmo questões religiosas. (PORTO, 2017)

Como uma mulher que quando estudante foi abusada por um professor no início de curso de psicologia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em meados dos anos 80 do século XX, e não teve nenhum tipo de apoio ou mesmo qualquer ação de responsabilização do agressor. Trinta anos depois ainda ouço as mesmas queixas da época em que eu era estudante; hoje, mesmo como professora, ainda sofro violência no ambiente universitário. Todavia, mais empoderada e com todo o marco legal conquistado nos últimos anos, percebo mais possibilidades e me sinto com a responsabilidade de oferecer um espaço onde a voz das mulheres ecoem para que possamos

construir uma sociedade mais igualitária e sem violência. (PORTO, 2017, p. 404)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

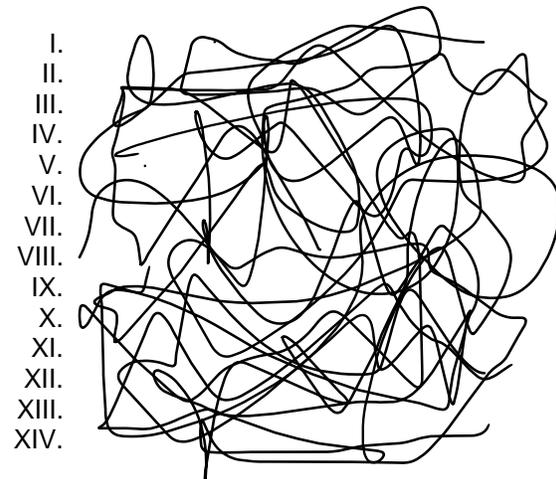
Essa pesquisa de revisão sistematizada da literatura analisou 110 artigos de 21 países entre os anos de 2011 e 2021. Notou-se que a partir de 2017 houve um aumento da quantidade de publicações sobre a temática. Grande parte das pesquisas eram do tipo qualitativo e vinham do campo das Ciências Sociais. Seus objetivos foram diversos: mensurar a prevalência do assédio sexual nas universidades, analisar experiências, políticas de enfrentamento, criação de diretrizes, abordagem da temática no ensino superior, nas mídias sociais entre outros. Pudemos então sintetizar os principais resultados sobre o assédio sexual nas universidades. Ficou evidente que a prevalência é alta, que a vítima da violência geralmente é a mulher e as consequências, para as vítimas de assédio sexual, são muitas, de danos psicológicos até a desistência da vida acadêmica.

A temática do assédio sexual nas universidades tem ganhado visibilidade ao longo dos anos. Isso se deve à luta constante de muitas vítimas de violência que decidiram não mais sofrer caladas e sozinhas. O apoio da comunidade e dos coletivos feministas têm sido relatados como essenciais. Estar rodeado de pessoas que auxiliem nessa longa e tortuosa caminhada das denúncias torna o processo, que por si só já é complexo e sofrível, um pouco mais “tolerável”.

A comunidade acadêmica precisa fazer uma autocrítica e se empenhar nas mudanças de sua estrutura patriarcal e sexista para que se possa alcançar uma política de tolerância zero contra o assédio sexual. Diretrizes, protocolos, programas, políticas... muita coisa deve ser pensada, refletida e realizada, além da necessária e urgente inclusão desse assunto nos currículos acadêmicos.

A realização desta pesquisa teve uma grande importância em minha formação acadêmica. O assunto “assédio sexual nas universidades” veio até mim como uma grande “bomba”. Felizmente, consegui convertê-la em um trabalho de conclusão de curso, ainda que em um processo difícil, cheio de gatilhos. Ao dar visibilidade para esta temática no curso de Odontologia da UFSC, espero que horizontes possam ser ampliados e que de alguma forma eu possa dar um retorno à sociedade, mesmo que muito pequeno, de todo investimento que foi feito em mim enquanto graduanda de uma universidade pública, federal e de qualidade, mas que infelizmente não está livre de

violências como o assédio sexual.



-Como evitar uma violência sexual
(Lovelace, 2018, p.84)

REFERÊNCIAS

AGGARWAL, Rashi; BRENNER, Adam M.. #MeToo: the role and power of bystanders (aka us). **Academic Psychiatry**, [S.L.], v. 44, n. 1, p. 5-10, 17 dez. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s40596-019-01173-0>.

AGGIO, Juliana; RAMOS, Silvana. **Assédio sexual na universidade: um problema incontornável?** 2021. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/assedio-sexual-na-universidade-um-problema-incontornavel/>. Acesso em: 11 set. 2021.

AGUILAR, Stephen J.; BAEK, Clare. Sexual harassment in academe is underreported, especially by students in the life and physical sciences. **Plos One**, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 0230312, 10 mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0230312>.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Violência contra mulheres nos espaços universitários. In.: STEVENS, Cristina. et. al. *Mulheres e violência: interseccionalidades*. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 384-399.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; ZANELLO, Valeska. **Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latino-americanas**. Brasília: Oab Editora, 2022.

BEZERRA, Ana Carolina. **O crime de assédio sexual no âmbito das instituições de ensino superior**. 2017. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Faculdade de Castelo, Espírito Santo, 2017.

BRASIL. Decreto-lei nº 2848, **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 7 dez. 1940.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. 3ª ed. Brasília: MS; 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *Atenção humanizada às pessoas em situação de violência sexual com registro de informações e coleta de vestígios: norma técnica*. 1ª ed. Brasília: MS; 2015

Diretrizes gerais para as ações institucionais de intervenção diante de situações de violência ou discriminação de gênero ou orientação sexual. Comissão Para Apurar Denúncias de Violência Contra Mulheres e Gêneros [Internet]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2018

FINKLER, M.; RAMOS, F. R. S. . La dimensión ética de la educación superior en odontología: un estudio en Brasil.. **Bordon: Revista de pedagogia**, v. 69, p. 35-49, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2022. São Paulo: FBSP, 2022.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 57-73, 15 set. 2019. Logeion Filosofia da Informacao. <http://dx.doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>.

HINER, Hillary; DIETZ, Ana López. ¡Nunca más solas! Acoso sexual, tsunami feminista, y nuevas coaliciones dentro y fuera de las universidades chilenas. *Polis (Santiago)*, . 20, n. 59, p. 122-146, 3 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.32735/s0718-6568/2021-n59-1590>.

DATA POPULAR/INSTITUTO AVON. Violência contra a mulher no ambiente universitário. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão e ONU Mulheres, 2015.

DELZIOVO, Carmem Regina; OLIVEIRA, Caroline Schweitzer de; LUIZ, Carmen Lucia. **Atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros**

Íntimos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1881/1/M%C3%B3dulo%20Aten%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

KABENGELE, Daniela do Carmo; SILVA, Edivan Claudino Soares da. **DESIGUALDADE DE RAÇA E GÊNERO NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DA EQUIDADE A PARTIR DO PERFIL DO ALUNO**. *Revista Humanidades e Inovação*, [s. l.], v. 8, n. 58, p. 183-190, 28 jan. 2022.

KRUG, G. Etienne, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2002.

LIMA, Jairo. **O crime de assédio sexual e a relação entre professor e aluno**. 2019. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/o-crime-de-assedio-sexual-e-a-relacao-entre-professor-e-aluno/>. Acesso em: 16 set. 2021.

LINHARES, Yara; LAURENTI, Carolina. Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Revista Perspectivas*, v. 9, n. 2, p. 234-247, 2018.

LOVELACE, Amanda. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. São Paulo: Leya, 2018

LOVELACE, Amanda. **A voz da sereia volta neste livro**. São Paulo: Planeta, 2019.

MAITO, Deíse Camargo; PINTO, Maria Paula Panuncio; VIEIRA, Elisabeth Meloni. **Um BASTA na violência sexual e em função de gênero na Universidade: a construção de diretrizes para orientar ações institucionais**. 2020. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2020/03/17/um-basta-na-violencia-sexual-e-em-funcao-de-genero-na-universidade-a-construcao-de-diretrizes-para-orientar-acoes-institucionais/#.Y21HZnbMLIW>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MARTÍN, Miguel Martínez; ESTRADA, María Rosa Buxarrais; BARRA, Francisco Esteban. La universidad como espacio de aprendizaje ético. **Revista Iberoamericana de Educación**, [S.L.], v. 29, p. 17-43, 1 maio 2002. Organización de Estados Iberoamericanos. <http://dx.doi.org/10.35362/rie290949>.

MEU Professor Abusador Disponível em <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100071438764857>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ONU MULHERES. Guidance note on campus violence prevention and response. Nova Iorque: UN Women, 2018.

PARANHOS, Raíssa Ramos. **Assédio sexual de mulheres no ambiente de trabalho: uma análise da legislação brasileira à luz da Teoria da Dominação**. 2017. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Escola de Direito Fgv Direito Rio, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

PORTO, Madge. O enfrentamento da violência no ambiente universitário: uma experiência na Universidade Federal do Acre. Mulheres e violência: interseccionalidades. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 400-411.

SAYURI, Juliana. **Abusos no campus**. The Intercept Brasil, São Paulo, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/>. Acesso em: 11 set. 2021.

SOLÍS, Flor de María Gamboa. Acoso sexual en la Universidad: de protocolos y protocolos. **Nómadas**, [S.L.], n. 51, p. 211-221, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.30578/nomadas.n51a12>.

ZANELLO, Valeska; RICHWIN, Iara Flor. ASSÉDIO SEXUAL NO ENSINO SUPERIOR

BRASILEIRO: uma análise sociogênera das emoções e das subjetividades na transferência entre alunas assediadas e professores assediadores. In: ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; ZANELLO, Valeska. **Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latino-americanas**. Brasília: Oab Editora, 2022. p. 291-324.

APÊNDICE A – Nome dos periódicos e quantidade de publicações

Nome do periódico	Quantidades
Academy National of Sciences	1
Acta Academica	1
African Health Sciences	1
Agenda-Empowering women for gender gquity	1
ALTERIDAD. Revista de Educación	1
American Psychologist	2
Analyses of Social Issues and Public Policy	2
Athletic Training Education Journal	1
Contexto internacional	1
Dilemas contemporâneos: Educación, Política y Valores	1
Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences	1
Enfermería Global	1
Escola Anna Nery	2
European Journal of Higher Education	1
Frontiers	1
Generos	1
Global Public Health	1
Health Education and Behavior	2
Información tecnológica	1
Information Processing and Management	1
International Social Work	1
JAMA - Journal of the American Medical Association	1
Journal of Aggression, Conflict and Peace Research	1
Journal of American College Health	1
Journal of Forensic Nursing	2
Journal of Interpersonal Violence	12
Journal of Policy Practice	1
Journal of School Violence	6
Journal of Sexual Aggression	1
Journal of Women and Gender in Higher Education	2
La aljaba	1
LSU Doctoral Dissertations	1
Mental Health, Religion and Culture	1
Nurse Education Today	1
Online Journal of Issues in Nursing	1
Perfiles educativos	1
PLos ONE	1
ProQuest Information & Learning	2
Portal	1

Psicologia dos Homens e Masculinidades	1
Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy	1
Revista de la educación superior	1
Revista iberoamericana de educación superior	1
Revista mexicana de ciencias políticas y sociales	1
Samarah	1
Social Alternatives	1
Social Science History	1
Sociologia	1
Springer	1
Teaching and Learning in Nursing	1
The Lancet	1
The Lancet	1
Trauma, Violence, and Abuse	1
Travail Genre Et Societes	1
Violence Against Women	5
Violence and Victims	1
Women's Studies in Communication	1

APÊNDICE B- Nome, autor, ano, país de origem, tipo e nome do periódico coletados dos artigos

#	NOME	AUTOR	ANO	PAÍS ORIGEM	TIPO	NOME DO PERIÓDICO
1	Predictors of sexual violence among female students in higher education institutions in Ethiopia: A systematic review and meta-analysis	Kefale, B. Yalew, M. Damtie, Y. Arefaynie, M. Adane, B.	2021	Etiópia	Artigo	PLos ONE
2	Vocational training and sexual assault against women: challenges for graduation in nursing TT - Formación profesional y violencia sexual contra la mujer: desafíos para la graduación en enfermería TT - Formação profissional e violência sexual contra a mulher	Aguiar, FAR, Silva, RM da, Bezerra, IC, Vieira, LJE de S., Cavalcanti, LF, & Ferreira Júnior, AR	2020	Brasil	Artigo	Escola Anna Nery
3	A Phenomenological Study Examining Resident Assistants' Experiences as Mandated Reporters in Cases of Sexual Violence.	Gill, Casey L.	2019	EUA	Dissertação	X
4	Gender Issues in the Ivory Tower of Brazilian IR TT - Questões de Gênero na Torre do Marfim de RI no Brasil	Baccarini, M. P. O., Minillo, X. K., & Alves, E. E. C.	2019	Brasil	Artigo	Contexto Internacional
5	Violence against student nurses by patients and their relatives in public hospitals in KwaZulu-Natal	Majola, Bongsi	2017	África do Sul	Dissertação	x
6	Uprooting sexual violence in higher education: A guide for practitioners and faculty.	Murphy, Amy Van Brunt, Brian	2017	EUA	Livro	x
7	Resisting Erasure: Critical influences for men who survived sexual violence in higher education	Tilapaugh, Daniel	2016	EUA	Artigo	Social Alternatives

8	Powerful or Playful?: An Investigation of the Effectiveness of Walk a Mile in Their Shoes Events	Kamis, Kristina	2016	EUA	Livro	x
9	Opinion: Use science to stop sexual harassment in higher education.	Clancy, Kathryn B H K.B.H. Kathryn B H Cortina, Lilia M L.M. Kirkland, Anna R A.R.	2020	EUA	Artigo	Academy National of Sciences
10	Teaching about sexual violence in higher education: Moving from concern to conscious resistance	Bertram, C.C. Sue Crowley, M.	2012	EUA	Artigo	Fronties
11	Unwanted advances in higher education: Uncovering sexual harassment experiences in academia with text mining	Karami, A. White, C.N. Ford, K. Swan, S. Yildiz Spinel, M.	2020	EUA	Artigo	Information Processing and Management
12	Enfoque de la violencia sexual contra la mujer en la graduación de enfermería TT - Approach about sexual violence against women in the nursing under graduation course TT - Abordagem da violência sexual contra a mulher na graduação de enfermagem	Rocha Aguiar, Francisca Alanny Lira Dourado, João Vítor Silva de Sousa, Niviane Rodrigues Ferreira Júnior, Antonio Eyre de Souza Vieira, Luiza Jane Magalhães da Silva, Raimunda	2021	Brasil	Artigo	Enfermería Global
13	The Impact of Increased State Regulation of Campus Sexual Assault Practices: Perspectives of Campus Personnel	Brubaker, Sarah Jane Mancini, Christina	2017	EUA	Artigo	Journal of School Violence

14	Friends, strangers, and bystanders: Informal practices of sexual assault intervention	Wamboldt, Alexander Khan, Shamus R. Mellins, Claude Ann Hirsch, Jennifer S.	2019	EUA	Artigo	Global Public Health
15	Moving beyond bureaucratic grey zones. Managing sexual harassment in Indian higher education	Sinha, A. Bondestam, F.	2021	Índia	Artigo	Springer
16	Sexual harassment in higher education: A feminist poststructuralist approach.	Bondestam, F. Lundqvist, M.	2021	Inglaterra	Dissertação	x
17	You Can't Just Assume: (De)Constructing Masculinities in Sexual Violence Prevention Peer Education Programs	Hildebrandt, Katherine	2018	EUA	Dissertação	x
18	Victimized students: A study of sexual harassment liability in higher education.	Reinken, Michelle A	2011	EUA	Artigo	ProQuest Information & Learning
19	Sexual violence at institutions of higher education	McCallion, G. Feder, J.	2015	EUA	Livro	x
20	Sexual violence prevention and response at institutions of higher education in a changing federal landscape: A feminist policy analysis.	Royster, Leigh-Anne A	2018	EUA	Artigo	ProQuest Information & Learning
21	Exploring discourses of access and sexual harassment in higher education A study of students' perceptions of University of Nairobi's Institutional Culture, Kenya	Muasya, Juliet Njeri	2013	Quênia	Dissertação	x
22	Acoso sexual en las universidades ecuatorianas: validez de contenido de un	Guarderas, Paz Larrea, María de Lourdes	2018	Equador	Artigo	ALTERIDAD. Revista de Educación

	instrumento de medición TT - Sexual harassment in Ecuadorian universities: content validation for instrument development	Cuvi, Juan Vega, Cristina Reyes, Carlos Bichara, Tatiana Ramírez, Graciela Paula, Christian Pesántez, Laura Íñiguez, Ana Lucía Ullauri, Katherine Aguirre, Andrea Almeida, Milena Arteaga, Erika				
23	Travel Freedom, Sexual Harassment and Family Support to Female Higher Education in Pakistan	Mehmood, Sumara Li, Chong	2017	Paquistão	Anais da conferência	x
24	Unescorted Guests Yale's First Women Undergraduates and the Quest for Equity, 1969-1973	Perkins, Anne G	2018	EUA	Dissertação	x
25	Muted Groups and Public Discourse The Web of Sexual Violence and Social Media	Baer, Paul	2018	EUA	Dissertação	x
26	Men's perspectives on risk identification, taking responsibility, and prosocial intervention: Primary prevention or harm reduction?	Hoxmeier, Jill C. O'Connor, Julia McMahon, Sarah	2020	EUA	Artigo	Psicologia dos Homens e Masculinidades

27	Leveraging Data to Strengthen Campus Sexual Assault Policies	Klein, Lauren L.B. Graham, Laurie M. Treves-Kagan, Sarah Deck, Premela G. DeLong, Stephanie M. Martin, Sandra L.	2018	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
28	Violência contra a mulher: estudo de caso em uma instituição de ensino	Freitas, Mirna Cristina da Silva	2011	Brasil	Dissertação	x
29	Sexual Violence and Responses to It on American College Campuses, 1952–1980	Abu-Odeh, Desiree	2021	EUA	Artigo	Social Science History
30	Sexual Assault Prevention for Rape Myth Acceptance in Male College Students	Leonard, Ashley L.	2017	Eua	Artigo	Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences
31	Honouring the stories of student-survivors: trauma informed practice in post-secondary sexualized violence policy review	Rogers, Kenya	2020	Canadá	Dissertação	X
32	Violencia de género en instituciones de educación superior TT - Gender violence in higher education institutions	Rodríguez Hernández, Karla Jazmín Rodríguez Barraza, Adriana	2021	México	Artigo	Dilemas contemporáneos: Educación, Política y Valores
33	Campus Sexual Violence and LGBTQ Students: A Mixed Methods Study of Risk, Decision-Making, and Resource Awareness	Wooten, Sara Carrigan	2017	EUA	Artigo	LSU Doctoral Dissertations

34	A preliminary examination of factors related to the comprehensiveness of sexual violence prevention efforts at Indiana institutions of higher education.	Stolley, Lindsey Anne Vacek	2015	EUA	Dissertação	x
35	Las universidades frente a la violencia de género. El alcance limitado de los mecanismos formales TT - Universities facing Gender Violence. The Limited Scope of Formal Mechanisms	Varela Guinot, Helena	2020	México	Artigo	Revista mexicana de ciencias políticas y sociales
36	Sexual harassment in higher education: Reflections and new perspectives	Dziech, B.W. Hawkins, M.W.	2018	EUA	Livro	x
37	Undergraduate Students as Bystanders to Sexual Violence Risks: Differences in Reported Intervention Opportunities and Behaviors by Racial Identity	Hoxmeier, J.C. O'Connor, J. McMahon, S.	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
38	Gender, sexuality and global citizenship education: Addressing the role of higher education in tackling sexual harassment and violence	Sundaram, V.	2018	Reino Unido	Livro	x
39	Sexual harassment and higher education: Reflections and new perspectives	Dziech, B.W. Hawkins, M.W.	2012	EUA	Livro	x
40	Preventing sexual violence at institutions of higher education: Lessons and tools	Oakley, R.	2015	EUA	Livro	x
41	Walking the Walk: Testing a Theory-Derived Measure of Campus Sexual Assault Policy Implementation	Moylan, Carrie A. Hammock, Amy C.	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence

42	Healthy environments for women in academic nursing: Addressing sexual harassment and gender discrimination	Castner, J.	2019	EUA	Artigo	Online Journal of Issues in Nursing
43	Sexual violence perceptions among Christian college students	Giovannelli, Thorayya Said Jackson, La Trelle	2013	EUA	Artigo	Mental Health, Religion and Culture
44	College student perceptions of institutional responses to sexual assault reporting and general help-seeking intentions	Mushonga, Dawnsha R. Fedina, Lisa Bessaha, Melissa L.	2021	EUA	Artigo	Journal of American College Health
45	Politics Versus Policies: Fourth Wave Feminist Critiques of Higher Education's Response to Sexual Violence	Gardiner, R.A. Shockness, M. Almquist, J.M. Finn, H.	2019	EUA	Artigo	Journal of Women and Gender in Higher Education
46	Sexual Harassment at Institutions of Higher Education: Prevalence, Risk, and Extent	Wood, Leila Hoefer, Sharon Kammer-Kerwick, Matt Parra-Cardona, J.R. José Rubén Busch-Armendariz, Noël	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
47	Gênero e educação superior: perspectivas de alunas de física	Amorim, V.	2017	Brasil	Dissertação	x
48	Dear Colleagues Examining the Impact of Title IX Regulation, Investigation, and Public Scrutiny on Higher Education Administrators	Miller, Nathan P.	2018	EUA	Dissertação	x
49	Mentors in Violence Prevention training and its effectiveness with Resident Assistants	Toy, Jacqueline	2016	EUA	Dissertação	x

50	Engaging male university student leaders in the adaptation process of the One Man Can Intervention (OMCI) to inform sexual violence prevention strategies in student residences: a case study	De Villiers, Tania	2016	África do Sul	Dissertação	x
51	Sexual harassment litigation involving instructors: balancing legal rights and responsibilities in the courts, 1993-2013	Jorgensen, James David	2014	EUA	Dissertação	x
52	Análisis crítico del discurso: narrativas sobre violencia de género en un estudiante universitario de una institución de educación superior del sur de Bogotá (Colombia) TT - Critical analysis of speech: narratives about gender violence by a university st	Moreno-Gómez, Elizabeth García-Díaz, John J	2021	Colômbia	Artigo	Información tecnológica
53	Academic freedom: The continuing challenge	Dreyfuss, Sara Ryan, Marianne	2016	EUA	Artigo	Portal
54	Campus Support Providers' Discussion of Consent in Response to Sexual Assault Disclosure Situations: Understanding of Consent Linked to Resource Referrals	Holl, Kathryn J. Cipriano, Allison E.	2020	EUA	Artigo	Violence and Victims
55	Preventing and Responding to Sexual Misconduct: Preliminary Efficacy of a Peer-Led Bystander Training Program for Preventing Sexual Misconduct and Reducing Heavy Drinking Among Collegiate Athletes	Morean, Meghan E. Darling, Nancy Smit, Jessie DeFeis, Jolie Wergeles, Maya Kurzer-Yashin, Dana Custer, Kaitlyn	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence

56	Institutes of Higher Education: An Integrative Review	McNair, Katelyn T. Fantasia, Heidi Collins Harris, Allyssa L.	2018	EUA	Artigo	Journal of Forensic Nursing
57	Making Power Visible: "Slow Activism" to Address Staff Sexual Misconduct in Higher Education	Page, Tiffany Bull, Anna Chapman, Emma	2019	Reino Unido	Artigo	Violence Against Women
58	An Examination of Strategies for the Prevention of Gender-Based Violence at Four-Year Institutions of Higher Education	Kafonek, Katherine Richards, Tara N.	2017	EUA	Artigo	Journal of School Violence
59	Understanding title IX: Implications for higher education	Walker, Sandra Y	2020	EUA	Artigo	Teaching and Learning in Nursing
60	Responding to Campus Climate Data: Developing an Action Plan to Reduce Campus Sexual Misconduct	Swartout, Kevin M. Wood, Leila Busch-Armendariz, Noël	2020	EUA	Artigo	Health Education and Behavior
61	Return the right weapon. Against sexual harassment in higher education and research	Clasches	2019	França	Artigo	TRAVAIL GENRE ET SOCIETES
62	LO "PERSONAL ES POLÍTICA UNIVERSITARIA: INCUMBENCIAS DE LAS UNIVERSIDADES NACIONALES FRENTE AL ACOSO SEXUAL TT - Personal is political at the university: Incumbencies of National Universities against sexual harassment	Vázquez Laba, Vanesa	2017	Argentina	Artigo	La aljaba

63	El ocioso intento de tapar el sol con un dedo: violencia de género en la universidad TT - The pointless effort to try to hide the sun with one finger: Gender violence at a university	Mingo, Araceli Moreno, Hortensia	2015	México	Artigo	Perfiles educativos
64	Global prevalence and nature of sexual violence among higher education institution students: a systematic review and meta-analysis	Steele, Bridget Nye, Elizabeth Martin, Mackenzie Sciarra, Alessandra Melendez-Torres, G J Esposti, Michelle Degli Humphreys, David K	2021	Reino Unido	Artigo	The Lancet
65	Calling Attention to the Importance of Assisting Male Survivors of Sexual Victimization	Navarro, Jordana N. Clevenger, Shelly	2017	EUA	Artigo	Journal of School Violence
66	Vocational training and sexual assault against women: challenges for graduation in nursing	Aguiar, Francisca Alanny Rocha Silva, Raimunda Magalhães da Bezerra, Indara Cavalcante Vieira, Luiza Jane Eyre de Souza Cavalcanti, Ludmila Fontenele Ferreira Júnior, Antonio Rodrigues	2020	Brasil	Artigo	Escola Anna Nery

67	La percepción del hostigamiento y acoso sexual en mujeres estudiantes en dos instituciones de educación superior	Hernández Herrera, Claudia Alejandra Jiménez García, Martha Guadarrama Tapia, Eduardo	2015	México	Artigo	Revista de la educación superior
68	“Together we take away the fear.” Feminist Students against Sexist Violence	Mingo, Araceli	2020	México	Artigo	Revista iberoamericana de educación superior
69	Coping strategies for sexual harassment in higher education: “An official action may harm you in the end more than if someone slaps your butt”	Vohlidalova, Marta	2015	Praga	Artigo	Sociologia
70	Half of the picture: Interrogating common sense gendered beliefs surrounding sexual harassment practices in higher education	Kiguwa, Peace Nduna, Mzikazi Mthombeni, Andile Chauke, Polite Selebano, Naledi Dlamini, Nontobeko	2015	África do Sul	Artigo	AGENDA-EMPOWERING WOMEN FOR GENDER EQUITY
71	The Campus Sexual Assault Policy and Prevention Initiative: Findings From Key Informant Interviews	Backman, Deborah Spear, Kaitlin Mumford, Elizabeth A. Taylor, Bruce G.	2020	EUA	Artigo	Health Education and Behavior
72	Sexual harassment in higher education—a systematic review	Bondestam, F. Lundqvist, M.	2020	Suécia	Artigo	European Journal of Higher Education

73	Supporting students in responding to disclosure of sexual violence: a systematic review of online university resources	Bogen, Katherine W. Leach, Nykia R. Meza Lopez, Richard J. Orchowski, Lindsay M.	2019	EUA	Artigo	Journal of Sexual Aggression
74	Examining Incidents of Sexual Misconduct Reported to Title IX Coordinators: Results from New York's Institutions of Higher Education	Richards, Tara N. Gillespie, Lane Kirkland Claxton, Taylor	2021	EUA	Artigo	Journal of School Violence
75	Compelled disclosure of college sexual assault	Holland, Kathryn J. Cortina, Lilia M. Freyd, Jennifer J.	2018	EUA	Artigo	American Psychologist
76	Nurse academics' experience of contra-power harassment from under-graduate nursing students in Australia	Christensen, Martin Craft, Judy White, Sara	2020	Austrália	Artigo	Nurse Education Today
77	Competencias del perfil de egreso de la licenciatura en psicología a través de las prácticas pre-profesionales en la oficina de atención psicológica de una institución universitaria de Lima Metropolitana	Endo Endo, Monica Andrea	2021	Peru	Dissertação	x
78	College Sexual Assault and Campus Climate for Sexual- and Gender-Minority Undergraduate Students	Coulter, Robert W.S. Rankin, Susan R.	2020	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
79	An Updated Review of Institutions of Higher Education's Responses to Sexual Assault: Results From a Nationally Representative Sample	Richards, Tara N.	2019	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence

80	Examining Responsible Employees' Perceptions of Sexual Assault Reporting Requirements Under Federal and Institutional Policy	Holland, Kathryn J.	2019	EUA	Artigo	Analyses of Social Issues and Public Policy
81	Frequency rates and correlates of contrapower harassment in higher education	DeSouza, Eros R.	2011	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
82	In the Eye of the Reformer: Higher Education Personnel Perspectives on Campus Sexual Assault Policy Implementation	Moylan, Carrie A. Hammock, Amy Carlson, Melanie L.	2020	EUA	Artigo	Journal of School Violence
83	Sexual harassment in higher education: Reframing the puzzle of its persistence	Marshall, Catherine Dalyot, Keren Galloway, Stephanie	2014	EUA	Artigo	Journal of Policy Practice
84	Characteristics of Faculty Accused of Academic Sexual Misconduct in the Biomedical and Health Sciences	Espinoza, Magdalena Hsiehchen, David	2020	EUA	Artigo	JAMA - Journal of the American Medical Association
85	Improving the Quality of Survey Data on College Campus Woman Abuse: The Contribution of a Supplementary Open-Ended Question	DeKeseredy, Walter S. Stoneberg, Danielle M. Nolan, James Lory, Gabrielle L.	2021	EUA	Artigo	Violence Against Women

86	Contesting sexual violence policies in higher education: the case of Rhodes University	Macleod, C.I. Böhmke, Werner Mavuso, Jabulile Barker, Kim Chiweshe, Malvern Ida Macleod, Catriona Böhmke, Werner Mavuso, Jabulile Barker, Kim Chiweshe, Malvern Macleod, C.I. Böhmke, Werner Mavuso, Jabulile Barker, Kim Chiweshe, Malvern	2018	África do Sul	Artigo	Journal of Aggression, Conflict and Peace Research
87	Changing the Culture? A Feminist Academic Activist Critique	Atkinson, Kym Standing, Kay E.	2019	Reino Unido	Artigo	Violence Against Women
88	Sexual Assault Information Posted on College and University Websites: Size and Setting Matter	Simmons, Catherine A. Clay, Joy A.	2019	EUA	Artigo	Violence Against Women
89	Climate Surveys: An Inventory of Understanding Sexual Assault and Other Crimes of Interpersonal Violence at Institutions of Higher Education	Wood, L. Sulley, C. Kammer- Kerwick, M. Follingstad, D. Busch- Armendariz, N.	2017	EUA	Artigo	Violence Against Women

90	Risk and Protective Factors for Men's Sexual Violence Against Women at Higher Education Institutions: A Systematic and Meta-Analytic Review of the Longitudinal Evidence	Steele, B. Martin, M. Yakubovich, A. Humphreys, D.K. Nye, E.	2020	EUA	Artigo	Trauma, Violence, and Abuse
91	The Association between Sexual Harassment and Suicidality Among College Women	Hangartner Brown., Renee R	2015	EUA	Dissertação	x
92	Where Sexual Harassment, Sexual Violence and Title IX Intersect	Abel, Kimberly	2017	EUA	Dissertação	x
93	Campus Law Enforcement Resources for Rape Prevention and Responses to Stalking	Pinchevsky, Gillian M.	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
94	How Community and Peer Perceptions Promote College Students' Pro-Social Bystander Actions to Prevent Sexual Violence	Banyard, Victoria L. Rizzo, Andrew J. Bencosme, Yamilex Cares, Alison C. Moynihan, Mary M.	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
95	Sexual Violence Among Gender and Sexual Minority College Students: The Risk and Extent of Victimization and Related Health and Educational Outcomes	Kammer-Kerwick, Matt Wang, Alexander McClain, T'Shana Hoefler, Sharon Swartout, Kevin M. Backes, Bethany Busch-Armendariz, Noël	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence

96	Exploring the Potential Campus-Level Impact of Online Universal Sexual Assault Prevention Education	Zapp, D. Buelow, R. Soutiea, L. Berkowitz, A. DeJong, W.	2021	EUA	Artigo	Journal of Interpersonal Violence
97	Sexual harassment in a higher education institution	García-Hernández, R.J. Hernández-Sánchez, J.E. García-Martínez, V.	2020	México	Artigo	Generos
98	The incidence of sexual harassment at higher education institutions in South Africa: Perceptions of academic staff Die voorkoms van seksuele teistering in hoër opvoedkundige instellings in suid-afrika: Persepsies van akademiese personeel	Joubert, P. van Wyk, C. Rothmann, S.	2011	África do Sul	Artigo	Acta Academica
99	Sexual violence among students attending a higher education institution in the UK (OUR SPACE): a cross-sectional survey	Steele, Bridget Degli Esposti, Michelle Mandeville, Pete Hamnett, Gillian Nye, Elizabeth Humphreys, David K	2021	Inglaterra	Artigo	The Lancet
100	Sexual violence in an islamic higher education institution of indonesian: A maqasid al-shariah and foucauldian perspective	Muhsin, I. Ma'Mun, S. Nuronyah, W.	2021	Indonésia	Artigo	Samarah
101	Measuring campus sexual misconduct and its context: The administrator-researcher campus climate consortium (ARC3) survey	Swartout, K.M. Flack, W.F. Cook, S.L. Olson, L.N. Smith, P.H. White, J.W.	2019	EUA	Artigo	Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy

102	Sexual harassment and victimization of students: A case study of a higher education institution in South Africa	Oni, H.T. Tshitangano, T.G. Akinsola, H.A.	2019	África do Sul	Artigo	African Health Sciences
103	Advocating alternatives to mandatory reporting of college sexual assault: Reply to newins (2018)	Holland, Kathryn J. Cortina, Lilia M. Freyd, Jennifer J.	2019	EUA	Artigo	American Psychologist
104	"The Fear is Palpable": Service Providers' Perceptions of Mandatory Reporting Policies for Sexual Assault in Higher Education	Holland, Kathryn J. Cipriano, Allison E. Huit, T. Zachary	2020	EUA	Artigo	Analyses of Social Issues and Public Policy
105	Sexual Harassment Training and Reporting in Athletic Training Students	Mansell, Jamie Moffit, Dani M. Russ, Anne C. Thorpe, Justin N.	2017	EUA	Artigo	Athletic Training Education Journal
106	Caught in a Web of Confusion: Assessing the Readability of University Webpages for Victims of Sexual Assault	Duncan, Shannon Yeatts, Paul Kapusta, Ann Allen, Denise Wilson, Jennifer Tilley, Donna Scott	2019	EUA	Artigo	Journal of Forensic Nursing
107	Enhancing Title IX Due Process Standards in Campus Sexual Assault Adjudication: Considering the Roles of Distributive, Procedural, and Restorative Justice	Harper, Shannon Maskaly, Jon Kirkner, Anne Lorenz, Katherine	2017	EUA	Artigo	Journal of School Violence
108	Graduate Student Experiences with Sexual Harassment and Academic and Social (Dis)engagement in Higher Education	Lorenz, Katherine Kirkner, Anne Mazar, Laurel	2019	EUA	Artigo	Journal of Women and Gender in Higher Education

109	Isolating Structures of Sexual Harassment in Crowdsourced Data on Higher Education	Dykstra-DeVette, T.A. Tarin, C.	2019	EUA	Artigo	Women's Studies in Communication
110	Stress and coping among university students in Sierra Leone: Implications for social work practice to promote development through higher education	Bulanda, Jeffrey J. Conteh, Abdulai B. Jalloh, Fatmata	2020	Serra Leoa	Artigo	International Social Work

ANEXO A – ATA DE DEFESA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ODONTOLOGIA
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ODONTOLOGIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 25 dias do mês de novembro de 2022, às 10:00 horas, em sessão pública via ConferênciaWeb, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mirelle Finkler, e pelos examinadores:

1 – Sheyla Rubia Lindner,

2 – Rodrigo Otavio Pires Moretti ,

a aluna Bianca Alves Eleotero Coelho apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado: “Calar-se seria uma alternativa sufocante: a banalização do assédio sexual nas universidades” como requisito curricular indispensável à aprovação na Disciplina de Defesa do TCC e a integralização do Curso de Graduação em Odontologia. A Banca Examinadora, após reunião em sessão reservada, deliberou e decidiu pela aprovação do referido Trabalho de Conclusão do Curso, divulgando o resultado formalmente à aluna e aos demais presentes, e eu, na qualidade de presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais componentes da Banca Examinadora e pelo aluno orientando.



Documento assinado digitalmente
Mirelle Finkler
 Data: 25/11/2022 11:25:24-0300
 CPF: ***.461.199-**
 Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Presidente da Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
Sheila Rubia Lindner
 Data: 29/11/2022 22:50:53-0300
 CPF: ***.298.069-**
 Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente
Rodrigo Otavio Moretti Pires
 Data: 01/12/2022 10:40:06-0300
 CPF: ***.986.708-**
 Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Examinador 2



Documento assinado digitalmente
Bianca Alves Eleotero
 Data: 01/12/2022 04:28:34-0300
 CPF: ***.407.269-**
 Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Aluno